

Sobre morte, vida e juventudes: aproximações à noção de Gozo¹.

Verônica Cecilia Alves da Silva Mafra²

Gostaria de iniciar agradecendo e declarando que o que trago hoje aqui são tentativas de articulação de ideias, as quais são fruto da participação nas atividades do Espaço Moebius. Por isso, a seus membros e aos colegas que partilham suas reflexões no Seminário Fundamentos da Psicanálise e no Seminário 17, minha gratidão! Registro o meu especial agradecimento a Lúcia Azevedo, pelo convite e incentivo para que eu formulasse alguma questão sobre o tema anual da instituição: formas de Gozo na contemporaneidade. Desde já, peço desculpas pelo *status* ainda rudimentar de minhas elaborações.

Nos dias que se seguiram ao convite para participar da mesa, foram noticiadas tragédias envolvendo, além de professoras, crianças e adolescentes em ambiente educacional (escola e creche). Tal fato me fez optar por retomar para esse momento questões que se me impuseram no trabalho com adolescentes e jovens no judiciário, das quais já tratei na Jornadinha de novembro de 2021 e na conclusão do Seminário Fundamentos de 2022. Como também aquelas advindas de uma experiência muito rica e apaixonante com a alfabetização de jovens e adultos. Questões essas que se referem à violência na adolescência e, bem assim, às formas de lidar com elas.

Então, vamos lá!

Pelas leituras nos grupos, o termo gozo, a princípio, me trazia a ideia de excesso, sobretudo por conta do “*plus de tensão*”, como nos lembrou Lúcia Azevedo, fazendo menção ao texto de Freud: Projeto para uma Psicologia Científica. Naquele texto³, Freud (1950 [1895], p. 315), “partindo das observações clínicas patológicas, especialmente no que diz respeito a ideias excessivamente intensas na histeria e nas obsessões”, propôs uma aceção dos “processos psíquicos como estados quantitativamente determinados” (grifo da autora).

E foi como algo da natureza de um excesso ou de um para além do limite, como “explosões de violência”, que entendi os atentados recentes aos espaços educacionais e os articulei a momentos críticos do acompanhamento de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, quando havia um aumento no número daqueles que se encontravam ameaçados de morte e dos que efetivamente eram mortos. Aliás, não custa lembrar que em 2015, o Brasil deteve o maior número de adolescentes assassinados no mundo, superando países assolados por conflitos bélicos, como a Síria e o Iraque, segundo dados do portal da Unicef⁴.

Sobre esses atentados, um jovem (Paulo Aranã) escreveu em seu *Twitter*: eu poderia ter sido um atirador na escola⁵. Nesse texto, publicado no *site outras palavras.net*, o autor testemunha suas desventuras no ambiente escolar, quando de sua adolescência, e relembra que a ideia de vingança o tomou naquela ocasião. Ele diz: “*Eu lembro da raiva que eu sentia. Lembro das coisas que eu escrevia e dos desenhos que fazia na beirada do caderno. Lembro do quanto*

¹ Texto apresentado no Fórum Institucional do Espaço Moebius, no dia 02/05/2023.

² Psicóloga com atuação nas áreas clínica, jurídica e na docência da graduação e da especialização em Psicologia.

³ A edição consultada por mim foi: J. STRACHEY, Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1969.

⁴ Para mais informações, consultar: <https://www.unicef.org/brazil/homicidios-de-criancas-e-adolescentes>

⁵ Disponível em <https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/eu-poderia-ter-sido-um-atirador-na-escola/>

eu fantasiava com me vingar, com fazer todo mundo olhar pra mim e me reconhecer e me respeitar, nem que fosse por medo”.

Desse relato vou sublinhar: “das coisas que eu escrevia, dos desenhos que fazia e eu fantasiava”. Dos adolescentes e jovens engajados em práticas delituosas, sobretudo aqueles arregimentados pelo tráfico, gostaria de destacar a impressão de que tal engajamento não dizia de um desafiar limites ou flertar com o perigo, atitudes que tantas vezes encontramos na adolescência, mas de “um arremesso à morte”. Assim, um deles, que se dirigiu à instituição judiciária para apelar por proteção à sua vida, relatou que o “acerto de contas” com o tráfico de drogas se fazia a facadas, pois, tornara-se preciso *causar dor*, prolongar o sofrimento, fazer sangrar até morrer. Então, é a essas situações de terror que estou me referindo. Tenho em mente algo como derivados das pulsões destrutivas, que no primeiro caso se transformou em desenhos, palavras e fantasia e no outro, em atuações violentas.

Em nota ao texto *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), o editor inglês das obras completas de Freud informa que nas cartas enviadas a Marie Bonaparte em 1937 (n. 33 e n. 34), Freud irá considerar as pulsões agressivas e destrutivas como derivadas da pulsão de morte e comentará a possibilidade de serem sublimadas. Na carta 33, ele diz: “*Todas as atividades que reorganizam ou efetuam mudanças são em certa medida destruidoras e assim desviam uma porção do instinto de seu objetivo destruidor original. Mesmo o instinto sexual, como sabemos, não pode atuar sem alguma medida de agressividade*”. Freud fala, ainda, do quanto a ambivalência é um tema enigmático e como, possivelmente, estará relacionada à manutenção da agressividade em estado latente por meio de um investimento erótico. Se a agressividade ou a destruição aqui são latentes, nas situações de que parti e que citei acima, o que vemos é o pensar e o *agir agressivo e destrutivo*. Então, necessitei seguir nas buscas por definições para o termo gozo.

Bom, em linguagem corrente, o termo gozo faz alusão ao deleite, ao prazer ou ao usufruto. Em definições de dicionários da língua portuguesa, está relacionado, enquanto substantivo masculino, ao *ato de gozar, à satisfação intelectual, moral ou material e ao prazer*. Assim também, é definido como *posse ou uso de alguma coisa de que provém satisfação, vantagens, interesses; na linguagem popular significa graça, motivo de riso e orgasmo*. Entretanto, se tomado como adjetivo, do Castelhana, o termo conota algo não aperfeiçoado, não burilado ou inexperiência, como nos exemplos: “*diz-se dos cães de raça não apurada, ordinária ou Caçador inexperiente*” (Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa de Caldas Aulete, p. 1968)⁶.

Para a Psicanálise, entretanto, a noção do gozo não pode ser reduzida à da satisfação, diz Christiane Lacôte - na terceira edição do Dicionário de Psicanálise de Roland Chemama e Bernard Vandermersch – temos em suas palavras: “*a questão da satisfação não é suficiente para colocar a do gozo*”. Ao dissertar sobre o verbete, a autora comenta o texto Além do Princípio do Prazer, destacando a repetição e a oposição presentes na descrição feita por Freud do jogo do fort-da. Em suas palavras: “*é o vínculo de oposição entre duas sílabas da linguagem, com a repetição da perda e do aparecimento do objeto desejado, prazer e dor, que pode definir o gozo*

⁶ Esse adjetivo me chamou a atenção e me fez lembrar dos comentários de Freud em Além do Princípio de prazer, quando tratava do trauma, sobre a prematuridade do bebê humano, de sua não preparação e daí o susto ante situações de perigo à vida.

[...] em lugar de diminuir a tensão, ele (o jogo) a faz ressurgir, e a liga à linguagem, à repetição e à oposição de fonemas” (2007, p. 169).

Caminhando um pouco mais, no Glossário do livro *O homem sem Gravidade* (MELMAN, 2003, p. 204), vou encontrar o seguinte: “*comumente o termo ‘gozar’ remete ao gozo sexual e, a esse título, deixa entender que parcialmente tem uma ligação com o prazer. Mas, simultaneamente, o gozo está além do prazer. Aliás, Lacan indicou que o prazer era uma maneira de se proteger do gozo. Da mesma forma que Freud indicava que havia um ‘além do princípio do prazer’ [...] a palavra Gozo pode ser utilizada para designar o próprio funcionamento de um sujeito enquanto aquele que repete infatigavelmente tal ou qual comportamento sem de modo nenhum saber o que o obriga a assim permanecer*”.

Esse não saber, a repetição, a parcialidade com o prazer e a simultaneidade prazer e dor, além de: prazer como proteção ao gozo e obrigação de permanecer em um comportamento, sem saber o que o obriga, me pareceram pontos importantes a considerar nessas aproximações que tento efetuar rumo à noção de gozo.

O ponto que gostaria de abordar agora, retomando as definições para o termo gozo referidas acima - gozo relacionado parcialmente ao prazer, mas estando além dele -, é a pressuposição de Freud de que a ambivalência emocional, ou seja, “a existência simultânea de amor e ódio para com os mesmos objetos [...] é um fenômeno fundamental de nossa vida emocional”, diz ele em *Totem e Tabu* (1913 [1912-13], p. 186), ao tratar da relação dos filhos com o pai morto, aliás, com o pai que haviam assassinado. Pois, Lacan, na lição 8 do Seminário 17, nos informa, que não é só da morte do pai que se trata no gozo, mas de seu assassinato⁷, convidando-nos a tratar o mito de Édipo “como um conteúdo manifesto” e a bem articulá-lo.

Voltando a Freud. O tema da ambivalência é retomado no texto *Os instintos e suas vicissitudes* (1915, p.161), quando assinala os dois processos diferentes da reversão da pulsão/instinto a seu oposto: mudança da atividade e passividade e reversão de seu conteúdo. Irei destacar na discussão que ele faz sobre a gênese do amor e do ódio, o caráter de imbricação de amor e ódio presente na fase oral com a incorporação e devoramento do objeto e na fase sádico-anal, com “*ânsia de dominar, para qual o dano ou aniquilamento do objeto é indiferente*”. E mais, Freud nos diz: “*O ódio, enquanto relação com os objetos, é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos*”.

No *Além do Princípio do Prazer* (1920, p. 56) a polaridade amor e ódio é retomada por Freud como forma de lançar luz à teoria das pulsões e como auxílio na análise da oposição entre as pulsões de vida e as de morte. Freud chega a dizer que a primeira pulsão a surgir é a de morte:

⁷ Recorro a Freud, no texto *Totem e Tabu*: alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos (1912-1913), quando, ao investigar a relação da exogamia com o totemismo, apresenta-nos o mito do assassinato do pai primevo. Ato inaugural da religiosidade e da vida em sociedade que, entretanto, não conduziu à plena satisfação dos intentos da *fratria*, que seria tomar o lugar do pai tirânico para gozar de todas as mulheres. Assim, os irmãos foram obrigados a renunciar ao que os fizera matar o pai: o acesso a gozar de todas as mulheres e “O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo” (p. 71). Então, se o ato de matar o pai reuniu os filhos, o desejo pelas mulheres os dividia, sendo preciso instituir uma dupla proibição: não matar o pai e não desposar a mãe ou a irmã. Em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921, p. 156), Freud retoma a hipótese de Darwin da horda primeva e nos informa que ela “*pode ressurgir de qualquer reunião fortuita*” e que o homem primitivo sobrevive potencialmente em cada indivíduo. Então, o mito do assassinato do pai primevo, pensamos, é revivido por cada um na infância, individual e inconscientemente.

“o instinto a retornar ao estado inanimado”. Contudo, observa que parte do organismo vivo luta contra os *“curtos-circuitos”* que poderiam apressar o alcance do seu objetivo de vida, ou seja, a morte, reconhecendo, nesse movimento de *“ritmo vacilante”*, a participação das pulsões de vida (pulsões sexuais).

A essa altura, pensando no gozo como prazer e dor, como um além do limite, um verso vem soar em meus ouvidos e diz: *“Revirando a noite, revelando o dia. Noite e dia, noite e dia...”* (Fantasia – Chico Buarque)⁸

Então, eu retomo o relato do jovem no twitter, quando ele diz ter sido salvo de se vingar dos causadores de seu sofrimento adolescente por duas coisas, o limite e o acolhimento trazidos pelos familiares e pelos amigos. E, pensando no trabalho realizado no judiciário, lembro as ideias de Forget (2011, p. 53-54), para quem a sanção às transgressões dos adolescentes na vida social é fundamental, por recolocar o sujeito em sua relação com a lei, mas ela não é o bastante. Diz ele: *“não se trata de ficar na sanção, mas, uma vez mais, tentar rearticular a transgressão, como as colocações em ato, com a necessidade de um interlocutor confiável e de um reconhecimento”*.

Fico por aqui, com muitas questões sobre o gozo, pensando em certo predomínio, se assim posso falar, das pulsões de morte, pensando também nas possibilidades do processo de simbolização da lei fundamental e deixo para vocês mais um verso da música:

*“Se de repente, a gente distraísse o ferro do suplício ao som de uma canção.
Então, eu te convidaria para uma fantasia no meu violão ...
Canta, canta uma esperança. Canta, canta uma alegria. Canta mais!”*
(Fantasia – Chico Buarque)

⁸ Disponível em : <https://www.letras.com.br/chico-buarque/fantasia>